

O impacto na saúde mental e na educação das crianças atingidas pelas enchentes

Camila Bueno

Colégio Marista Champagnat, camifbsteffens@gmail.com

Danielle Diogo

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, daniellebdiogo@gmail.com

Introdução

Dizem que nunca sabemos quando uma tragédia vai acontecer; o dia geralmente transcorre como qualquer outro. Os dias que antecederam as enchentes de maio de 2024, no Rio Grande do Sul, classificadas pelo Governo como a maior catástrofe climática da história do Estado, foram dias comuns. Nós, o povo gaúcho, estamos acostumados com mudanças drásticas no tempo — enfrentamos frio rigoroso, calor intenso, ventos fortes e chuvas torrenciais (SILVEIRA, 2020) descreve que a cheia de 1941 em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul (RS), situado no sul do Brasil, que inundou uma área extensa da cidade, incluindo o centro e alguns bairros, foi de uma magnitude sem precedentes e nenhum evento posterior chegou perto em termos quantitativos até agora. Curiosamente, a atual enchente de 2024 não foi prevista, assim como a de 1941. As chuvas causadoras também nunca foram mapeadas em termos espaciais, nem suas características temporais foram explicitadas. Mas nada se comparava ao que estava por vir, com os primeiros sinais surgindo naquele 27 de abril de 2024.

Era uma quinta-feira à noite, início do mês de maio, mais precisamente o 2º dia do mês. Um pós-feriado bem preguiçoso e chuvoso, o típico dia que poderíamos ficar em casa. As notícias meteorológicas alertavam em todos os canais de comunicação: “Serão dias de chuvas fortes na Região Metropolitana, cuidem-se”. Mas da mesma forma que escutamos tantas outras notícias no nosso cotidiano, o dia fluiu, a rotina se cumpriu e a vida seguiu.

Na manhã do dia 03 de maio, uma sexta-feira cinzenta e chuvosa, ao ligar o rádio no carro escutei

notícias preocupantes sobre os municípios da região, bem próximas a capital, Canoas, Eldorado do Sul, São Leopoldo e Novo Hamburgo. Notícias estas que descreviam um cenário caótico, casas alagadas, carros submersos e pessoas desabrigadas. Enquanto dirigia, pensava em reagir e me solidarizar com a população afetada, refletindo se havia algum familiar ou amigos nesta área, mas segui meus hábitos normalmente. Afinal, a vida continua, independentemente da chuva.

Ao meio-dia, durante o almoço, com a televisão ligada nas notícias locais, algo incomum começou a acontecer: famílias dos alunos do colégio que leciono me informavam que seus filhos não foram à escola porque a chuva seria intensa em Porto Alegre e não queriam arriscar. Achei curioso, mas novamente a vida seguiu.

A chuva veio, e veio com força. Começou devagar, mas ao longo daquela sexta-feira foi ganhando intensidade. O comportamento atento de todos na escola era perceptível, na esperança de que fosse apenas o início de mais um inverno frio e chuvoso em Porto Alegre. Mas não era. Algo muito maior e histórico estava por vir.

A noite deste singular dia 03 de maio chegou, e a chuva não parou; na verdade, só aumentou. Em alguns momentos, olhava (em silêncio) pela janela sentada no sofá da sala de casa e pensava: “É muita água!”, mas com cuidado fechei bem os vidros, tranquei a porta e fui dormir, acreditando que a vida seguiria normalmente.

No sábado, 04 de maio, acordei naturalmente às 7h. A chuva não havia dado trégua a noite toda. Levantei-me, coloquei a água para ferver e, em dois movimentos rotineiros, abri as redes sociais e liguei a televisão. O caos havia começado. O barulho de carros, buzinas, ambulâncias e sirenes invadia a avenida ao lado do meu apartamento. Sentei-me, respirei e li e ouvi as notícias mais tristes que poderia imaginar. Naquele momento, só tive uma reação: largar tudo, me vestir e ir para a rua ajudar, porque não, desta vez a vida não podia seguir como antes.

Pela manhã, em poucas horas, a mobilização coletiva já se preparava e se equipava para receber os desabrigados. Esse público largou tudo para salvar suas vidas. Deixaram seus bens materiais e memórias em um espaço que já não reconheciam, pois a água se alastrava com uma velocidade inimaginável.

Chegar ao abrigo mais próximo não foi difícil; difícil foi abraçar essas pessoas sem ter o que dizer, pois ninguém sabia o que ainda estava por vir. Fizemos o possível, sempre focados no presente e, principalmente, em ser um consolo para o próximo.

De todos os abrigos onde fui voluntária, o que mais me marcou foi a CAJU, uma casa de retiros da Juventude Marista. Lá, diversas famílias foram abrigadas, incluindo 33 crianças. Quando falamos em abrigo, logo pensamos nos cuidados básicos para sobrevivência: alimentação, colchões, cobertores, higiene e vestimenta. Mas depois disso, será que estava tudo bem? E as crianças desses abrigos?

É claro que foram impactadas. Foram retiradas de suas casas e abandonaram seus tesouros: os brinquedos! Lembro-me como se fosse agora, deixei minha mochila de lado e pensei: o que será que passa pela cabeça desses pequenos? Os maiores (7-9 anos) entendiam o que estava acontecendo, mas a gravidade da situação? Talvez sim, talvez não! E os menores, aqueles de 2-3 anos? Para eles, era uma aventura. E foi nessa aventura que mergulhei e decidi abraçar!

Desastres são definidos pela interrupção das atividades de uma comunidade ou sociedade, resultando em perdas significativas e demandando respostas e intervenções que superam a capacidade de reação da população afetada (UNDRR, 2004). Vale ressaltar que os impactos de um desastre diferem entre as pessoas, sendo influenciados por sua vulnerabilidade social, exposição aos riscos e desigualdades. Conforme Pfefferbaum (2008) as reações das crianças e adolescentes a desastres variam muito, influenciada por fatores como a idade, experiências passadas e o tipo de suporte disponível. Essas ações também são moldadas pela maneira como os adultos de referência expressam suas emoções e comportamentos após um evento traumático.

Brincamos, ouvimos histórias, criamos e construímos monstros e heróis, organizamos torneios esportivos e até um chá para as bonecas. Ao final, lembro que essas crianças tiveram uma incrível capacidade de curar minha ansiedade e preocupação. Durante meus deslocamentos, ouvia as notícias mas no retorno ouvia música. Estava ajudando-as ou elas me ajudaram a canalizar minha energia e privilégio? Sei que, com essa experiência, foi mais fácil fazer com que a vida continuasse.

As enchentes devastaram a vida de inúmeras pessoas, resultando em perda de vidas, destruição de lares, deslocamento de famílias para abrigos e impactos profundos na saúde mental e na educação de milhares de crianças. Durante a pandemia, vivenciamos algo semelhante, com a necessidade de adaptar nossas vidas e trabalhos, além de criar rapidamente estratégias para dar continuidade ao ensino de forma remota. Nesse período, reaprendemos e ressignificamos a maneira de ensinar, contando ainda mais com as famílias como parceiras, que passaram a assistir às aulas junto com seus filhos.

Entretanto, por mais difícil que tenha sido aquele tempo, conseguimos nos adaptar gradualmente. Nada, porém, se compara ao que vivenciamos com as enchentes. Cidades inteiras foram levadas pelas águas em questão de horas. Áreas, que antes eram consideradas seguras, tornaram-se inabitáveis da noite para o dia. Lares foram destruídos, levando consigo as histórias e memórias de muitas famílias. Imagine acordar e, em instantes, ver sua vida completamente levada pela enchente.

Quando a água finalmente baixou e começamos a retornar gradualmente à “vida normal”, encontramos crianças assustadas na escola. Foi necessário acolhê-las, ouvir o que desejavam compartilhar sobre suas experiências e sentimentos. Na nossa escola, as águas não chegaram, o que tornou esse retorno mais tranquilo, pois os estudantes encontraram tudo exatamente como estava antes de saírem no último dia.

Um mês após a tragédia climática, mais de 6,9 mil estudantes permaneceram fora das salas de aula, segundo dados da Secretaria Estadual de Educação (Seduc) e levantamento organizado pelo jornal Zero Hora. Muitas famílias, incluindo aquelas com pessoas com transtorno do espectro do autismo (TEA), foram forçadas a sair de suas residências e buscaram abrigos temporários, casas de parentes, amigos.

Os desafios foram físicos e emocionais, afetando sua rotina diária, bem-estar, bem como a falta do acesso a serviços de apoio. De acordo com o DSM-5-TR (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – Texto Revisado), o TEA é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas surgem desde a infância e afetam o funcionamento diário. Mesmo aqueles

que desenvolvem estratégias para lidar com desafios sociais ainda enfrentam dificuldades em situações novas ou em que não tenham suporte, sofrendo esforço e ansiedade ao calcular “conscientemente” o que é socialmente intuitivo para a maioria das pessoas.

A catástrofe interrompeu significativamente as atividades diárias de crianças, adolescentes e adultos com TEA e seus familiares, afetando rotinas como escola, trabalho e terapias. Muitas dessas pessoas já enfrentavam desafios relacionados ao diagnóstico, como rigidez cognitiva, alterações sensoriais, dificuldades financeiras, problemas de locomoção, moradia, restrições alimentares e questões comportamentais, que foram agravados pela tragédia.

No entanto, preocupa-me profundamente as crianças que não tiveram a escola restabelecida nas mesmas condições anteriores à tragédia. Um exemplo claro é o de um paciente que atendo na clínica, que possui autismo, nível 3 de suporte. Sua adaptação à nova escola, no ano passado, não foi fácil; no início, conseguia permanecer apenas por dez minutos no local. Com estratégias adequadas e muita parceria com a escola e família, fomos aumentando gradualmente esse tempo e sua motivação para ficar. Desde então, ele havia feito grandes progressos.

Neste ano, ele estava feliz e empolgado para ir ao Colégio, interagira cada dia mais com os colegas e professores. Já conhecia sua rotina e participava de cada etapa. Mas essa rotina foi completamente alterada pelas enchentes. Ele precisou sair de casa às pressas, de madrugada. Embora seu apartamento em um condomínio não tenha sido afetado, o térreo inteiro foi inundado, e sua família perdeu o carro. Quando as águas baixaram, conseguiram, aos poucos, retomar a vida — exceto pelas aulas. A escola permaneceu fechada por longos meses, reabrindo há poucas semanas. No entanto, o que antes era um espaço bonito e colorido agora se resume a classes e um quadro. Não há mais biblioteca, sala de recursos, sala de informática, entre outros espaços essenciais. Isso teve um impacto profundo nessa criança. Para ele, é difícil compreender que aquela ainda é sua escola. Está apresentando crises de autolesão, diminuiu novamente o tempo de permanência na instituição, e nada parece motivá-lo a permanecer nesse ambiente.

Essa é uma situação extremamente triste e representa apenas um exemplo entre muitas crianças atípicas que tiveram suas vidas profundamente afetadas. Elas enfrentam uma rigidez maior em relação à mudança de rotina, tornando esses desafios ainda mais complexos.

À medida que avançamos, é essencial reconhecer que a recuperação vai além da reconstrução física. Precisamos abordar as cicatrizes emocionais e psicológicas deixadas por essa tragédia, especialmente entre as crianças que, em muitos casos, foram as mais vulneráveis. É fundamental que as escolas, as famílias e a comunidade em geral trabalhem juntas para criar um ambiente acolhedor e seguro para esses jovens. Isso inclui não apenas restaurar as instalações físicas, mas também reestabelecer um sentido de normalidade e segurança que permita às crianças, especialmente aquelas com necessidades especiais, readaptarem-se gradualmente às suas rotinas e retomarem o desenvolvimento de forma saudável.

As enchentes de 2024 deixaram lições que não podem ser ignoradas. Elas nos lembraram da fragilidade da vida e da importância de estarmos preparados para o inesperado. Ao mesmo tempo, evidenciaram a força da solidariedade e da resiliência humana diante da adversidade. Enquanto continuamos a apoiar aqueles que foram mais duramente afetados, devemos também refletir sobre como

podemos construir uma sociedade mais resiliente, capaz de proteger e amparar todos, especialmente os mais vulneráveis, em tempos de crise. Este capítulo da nossa história é um testemunho da capacidade humana de enfrentar o sofrimento com coragem, de transformar dor em ação, e de juntos, reconstruir um futuro em que a vida possa, mais uma vez, seguir adiante.

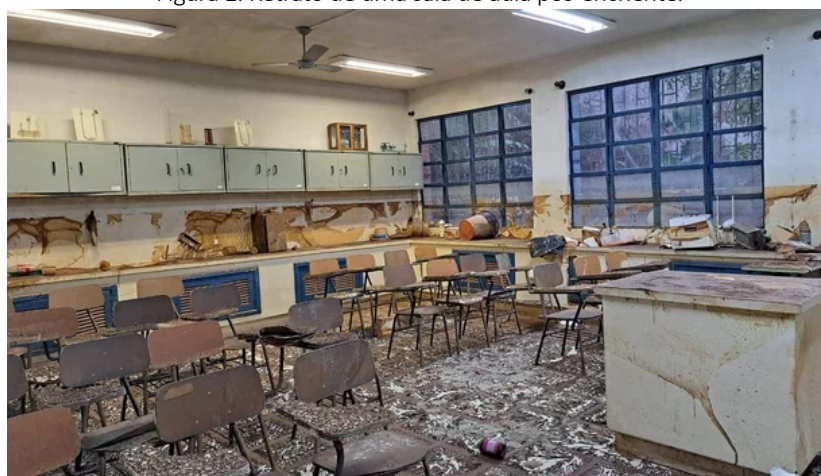
Considerações finais

A tragédia das enchentes de maio de 2024, considerada a maior catástrofe climática do Rio Grande do Sul, mostrou-nos a imprevisibilidade da vida e a vulnerabilidade das nossas rotinas diárias. O contraste entre os dias comuns que precederam a calamidade e o caos subsequente é um lembrete claro da fragilidade da nossa existência. A chuva torrencial se transformou em um desastre sem precedentes, destruindo lares, deslocando famílias e deixando uma marca indelével nas vidas de muitos, especialmente das crianças.

Os relatos de solidariedade e resiliência, como o trabalho com as crianças abrigadas e o esforço para restaurar a normalidade nas escolas, são testemunhos da força humana diante da adversidade. No entanto, a recuperação vai além da reconstrução física; ela exige um enfoque nas cicatrizes emocionais e psicológicas deixadas pela tragédia. É crucial que a comunidade, as escolas e as famílias se unam para criar um ambiente seguro e acolhedor, capaz de reestabelecer a sensação de normalidade e apoiar a adaptação das crianças, especialmente aquelas com necessidades especiais.

As enchentes de 2024 são um lembrete doloroso da necessidade de estar preparado para o inesperado e reforçam a importância da solidariedade em tempos de crise. À medida que avançamos, devemos refletir sobre como construir uma sociedade mais resiliente, que possa proteger e amparar todos os seus membros, especialmente os mais vulneráveis. Esse episódio é um testemunho da capacidade humana de transformar a dor em ação e de juntos, reconstruir um futuro em que possamos retomar a vida com esperança e coragem.

Figura 1. Retrato de uma sala de aula pós-enchente.



Fonte: Jeferson Ageitos/RBS TV.

Figura 2. Retrato de uma biblioteca pós-enchente.



Fonte: Jeferson Ageitos/RBS TV.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5-TR**: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Artmed, 2022.

PFEFFERBAUM, B.; HOUSTON, J. B.; NORTH, C. S.; REGENS, J. L. Youth's reactions to disasters and the factors that influence their response. **Prevention Research**, v. 15, n. 3, p. 3-6, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1901/jaba.2008.15-3>.

ILVEIRA, A. L. L. Chuvas e vazões da grande enchente de 1941 em Porto Alegre/RS. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 35, p. 69-90, 2020.

SILVEIRA, P. Mais de 6,9 mil estudantes estão sem aulas um mês após enchente inundar escolas. **GZH**, Porto Alegre, 6 jun. 2024. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/educacao-basica/noticia/2024/06/mais-de-69-mil-estudantes-estao-sem-aulas-um-mes-apos-enchente-inundar-escolas-clxukiim2005001d7197sxo6i.html>> Acesso em: 26/08/2024.

United Nations Office for Disaster Risk Reduction [UNDRR]. (2004). **Estrategia internacional para la reducción de desastres las américas EIRD-ONU**. Glosario de la Estrategia. Disponível em: <<https://www.eird.org/esp/terminologia-esp.htm>> Acesso em: 20 maio, 2024.